



SANDRA MAZZINI

VERTIGO

FUROL

— SANTANDER —
SÃO PAULO

SANTANDER APRESENTA

SANDRA MAZZINI

VERTIGO

CURADORIA
DENISE MATTAR



DE 16 DE JUNHO A 11 DE SETEMBRO DE 2022

PATROCÍNIO



PRODUÇÃO





SEM TÍTULO (DETALHE), 2018 ÓLEO SOBRE TELA 90 X 80 CM COLEÇÃO MARCIO SALOMÃO

Apresentar a exposição *Vertigo* composta por obras de autoria da jovem pintora Sandra Mazzini, com curadoria de Denise Mattar, é motivo de orgulho para o Farol Santander. Primeiro por abrigarmos a criação artística e o olhar curatorial de duas mulheres talentosas. Segundo pela força da pintura, que registra em dezessete trabalhos e uma obra pensada para este espaço, florestas imaginadas carregadas de detalhes que nos surpreendem e encantam à primeira vista.

Proporcionar ao visitante do Farol Santander conhecimento, prazer visual e mergulho, através da arte, em mundos tão diferentes e por vezes distantes da nossa grande metrópole reforça nosso papel como instituição preocupada e ativa nas questões sociais, culturais e sustentáveis.

Ótima visita!

PATRICIA AUDI

VICE-PRESIDENTE DE
RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E
SUSTENTABILIDADE





PÔR DO SOL (DETAIL), 2020 ÓLEO SOBRE TELA 185 X 125 CM COLEÇÃO SZANTO OLIVA

SUMÁRIO

TEXTO CURATORIAL

OBRAS

SITE SPECIFIC

ENGLISH VERSION

SANDRA MAZZINI

VERTIGO

Sandra Mazzini é uma jovem artista cujo trabalho é realizado paciente e cuidadosamente, como o dos antigos mestres. Em constante desafio, ela integra técnicas do passado e do presente e as faz conviver em instigante harmonia. Sua obra rigorosa e pulsante borra todos os limites entre pintura, fotografia e desenho, revestindo-se de indiscutível contemporaneidade. Com olhar atento, manuseia o pincel e as ferramentas digitais, fragmenta imagens para reuni-las novamente, constrói e reconstrói, processa e reprocessa, fazendo surgir uma miríade de pequenas representações que se refletem umas nas outras num jogo ótico. O resultado é uma imagem caleidoscópica e manter pulsante, a pintura transformada em experiência — um convite à contemplação e à vertigem.

O conceito de vertigem sempre chamou a atenção de escritores e filósofos. Milan Kundera a define como “a profundidade que se abre diante de nós, nos atrai, nos seduz, e desperta em nós o desejo de cair; do qual nos defendemos, espantados”. Walter Benjamin a associa ao caleidoscópio que, segundo ele, permite-nos ver “o duplo regime da imagem, a polirritmia do tempo, a fecundidade dialética.” Já Roger Caillois classifica a vertigem como um tipo de jogo, “uma tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e de infligir à consciência lúcida uma espécie de pânico voluptuoso. Trata-se de aceder a uma espécie de pasmo, de aturdimento, que destrói a realidade com uma soberana brusquidão”.

A obra da artista transita entre essas possibilidades; atrai-nos pela profundidade que abre diante de nós, escancara a polirritmia

do tempo e é um jogo: como estratégia de trabalho e como resultado final. No seu processo de construção, Mazzini lapida imagens, cria frações quadrangulares, que vão se encadeando umas nas outras, num trabalho de desconstrução do real, que, entretanto, continua lá, perceptível, embora fugidio. É uma narrativa descontínua, que aproxima e afasta cada fragmento, como se fosse visto por um telescópio, oferecendo ao espectador uma ordem instável.

A exposição “Vertigo” propõe um mergulho nessa instabilidade, através da apresentação de um conjunto de 17 obras da artista, e é complementada por uma projeção e um *site specific*, criados especialmente para a mostra.

Na seleção estão presentes obras que vão de 2016 a 2021, sempre realizadas em construções delicadas, mas vigorosas e desafiadoras à percepção, pois nelas uma coloração de entardecer pode estar vizinha a um tom claro da manhã, o céu pode ser ar, mas também mar, e a arquitetura pode ser paisagem. Nas palavras da artista: “São pedaços de temperatura e de temperamento, como um quebra-cabeça”. O conjunto permite acompanhar tanto as transformações no seu processo construtivo, quanto as variações temáticas de sua pesquisa, deixando evidente a coerência que permeia sua obra.

Em três trabalhos datados de 2016, a artista apresenta, de forma não convencional, uma de suas imagens recorrentes: a folhagem conhecida como costela-de-adão. Na mais antiga delas, uma obra de 60 x 50 cm, a planta é pintada na íntegra e, embora cortada por um *grid* de finas linhas vermelhas, ainda não apresenta

variações de massa entre os fragmentos e nem quebra de continuidade. Em outro trabalho da série, já de 100 x 80 cm, Sandra Mazzini faz uma mescla de andamentos e de tempo. Assim, na parte inferior da pintura, a folhagem está frágil, quebrada, com pontos avermelhados, marcas que caracterizam o fim do ciclo de vida da planta, e na parte superior surgem as folhagens novas, com tons de verde e azul-claro, num movimento de onda, que avança para a frente da tela. Na sequência, ela maximiza essas ações e, numa obra de 150 x 180 cm, cobre toda a imagem com um *grid*, no qual cada fragmento é não apenas um momento do ciclo da planta, mas também uma sequência de hipóteses da passagem do tempo, com as diferentes incidências da luz sobre a folhagem. Ao longo de um dia, de uma estação ou, quem sabe, de uma vida...

Mangueiras e barranco em Ibiúna, 2017, é um registro mais pessoal e familiar da artista. Seus avós, agricultores, moravam naquela cidade. Para acelerar o amadurecimento das frutas e protegê-las dos pássaros e insetos, eles as colocavam em pequenos sacos de papel, em laborioso processo do qual resultavam árvores curiosas, notadamente as mangueiras, cujas frutas pendem dos galhos suspensas por longos fios. A terra da região é de cor bem vermelha e, provavelmente como herança de outra época, nela podiam ser encontradas ferraduras, que se camuflavam no barranco. Sandra e a irmã as procuravam e juntavam em montinhos, como pode ser visto na tela. A pintura reúne todos esses elementos exponenciados pela artista com a criação de um céu multifacetado em tons róseos, que acentua a qualidade mágica das suas lembranças de infância.

As obras *Rio Vermelho I* e *Rio Vermelho II*, de 2018, formam um díptico que justapõe realidades, texturas e cores, e foram criadas por Mazzini calcadas em um poema de mesmo nome, de Cora Coralina:

Água — pedra.
Eternidades irmanadas.
Tumulto — torrente.
Estática — silenciosa.
[...]
Duas perenidades —
sobreviventes no tempo.
Lado a lado — conviventes,
diferentes, juntas, separadas.
Coniventes.

Em 2018, em uma pesquisa que remete à série *Rio Vermelho*, a artista detém seu olhar nos escombros de uma plantação depois de uma chuva ou inundação. Há aí uma sobreposição de folhas, raízes e galhos, que, embora registre a violência da intempérie, mantém cada um dos elementos cuidadosamente separados, organizados por um *grid* de linhas vermelhas bem finas. Uma contenção que acentua os círculos concêntricos de água, formados pelas gotas que ainda pingam, depois de passada a tempestade.

Usando novamente a vigorosa folhagem das bananeiras, com suas longas franjas, Sandra nos leva a uma nova apreensão da paisagem, agora iluminada por um foco de luz artificial — um farol de carro. O título *Tamoios* remete à rodovia e à sensação entrecortada

de luz, brilho e movimento, às imagens multifacetadas que desfilam a nossa frente numa viagem noturna.

Ainda em 2018 a artista começa a construir a ideia do caminho infinito, um recurso pictórico que passaria a integrar o seu repertório. A estratégia pode ser vista em duas obras do período; numa delas (sem título, 150 x 120 cm) há a alusão a um túnel encantado, ladeado por flores e folhas entrelaçadas, um encontro de terra e água. Na outra (sem título, 190 x 127 cm), mais do que uma sugestão, temos um convite, e mais do que um túnel, um portal. Trabalhando com a proporção quase real dos elementos em primeiro plano, Sandra vai diminuindo os elementos que, fixados a um *grid* de perspectiva, criam a ilusão de infinito, proporcionando uma imersão, uma vertigem que assusta e seduz.

Floresta crescente, 2019, é uma obra com características sensoriais, que alude à exuberância da Mata Atlântica, e sua superposição de camadas: das profusas plantas rasteiras, às grandes árvores, que parecem cobrir o céu. Para acentuar essa característica da floresta, ela trabalha com um *grid* ascendente e convergente, como o das catedrais góticas.

Território de ilusões, 2019, estabelece uma instigante relação entre a floresta e o barroco. Elementos arquitetônicos aparecem esporadicamente na obra de Sandra Mazzini, quase sempre conectados ao céu e ao sol, à observação das refrações da luz incidindo sobre eles. Aqui, entretanto, a artista examina as semelhanças entre os dois assuntos, aparentemente díspares, reconhecendo neles a mesma ausência de espaços vazios, o excesso de detalhes

e de elementos, que se superpõem arrebatadoramente. Recria então as volutas, as colunas espiraladas, as flores e frutos dourados de um altar, no qual não há nenhum santo, pois ele se transformou num portal para outra dimensão, onde está uma floresta, igualmente copiosa, farta e abundante, quase inacessível, fechada por folhas caídas e acumuladas.

Em *Pôr do sol*, 2019, Sandra Mazzini estabelece outro tipo de ação, buscando as relações invisíveis que permeiam a paisagem: a gradação da atmosfera, os movimentos do ar, a inconstância da luz. Replicados, nuvens e ondas se confundem, se mesclam e se despedem do duplo sol.

Artista que trabalha regularmente com grandes formatos, Mazzini, faz periodicamente a si mesma o desafio de pintar obras pequenas, com medidas improváveis, tais como 20 x 20 cm ou 30 x 30 cm. Nelas a artista reproduz, com incrível precisão, os procedimentos de suas grandes pinturas, realizando micro paisagens que criam a ilusão de ser muito maiores do que são.

A obra mais recente da exposição, realizada em 2021, é um retorno às plantas, às folhagens e às flores caleidoscópicas, com formas e cores que se misturam no tempo e no espaço, como se estivessem atrás de um lente ou vidro quadriculado.

A projeção que complementa a exposição tem também a mesma característica caleidoscópica que permeia a obra da artista, apresentando detalhes das obras, em desenvolvimento contínuo, e tornando ainda mais perceptíveis os processos construtivos e o movimento que permeia os trabalhos.

O *site specific* tem como objetivo oferecer ao visitante uma imersão completa na obra de Sandra Mazzini, proporcionando uma experiência vertiginosa, plena de cor, ilusão e sensorialidade.

Herdeiro de um processo histórico e filosófico, o circuito de arte tem incentivado ativamente a produção de obras conceituais, sem compromisso algum com a visualidade. Poucos artistas conseguem se libertar dessa imposição crítica e ousam criar sem medo. É o caso de Sandra Mazzini que, com sua obra de impactante beleza, mesclando tradição e tecnologia, proporciona-nos uma visão luminosa das possibilidades artísticas contemporâneas.

DENISE MATTAR
CURADORA



FLORESTA CRESCENTE (DETALHE), 2019 ÓLEO SOBRE TELA 173 X 190 CM COLEÇÃO GUSTAVO VISEU

A pintura refratária de Sandra Mazzini é um dos conjuntos de obras mais surpreendentes de jovens artistas do século XXI. Trata-se de tapeçarias pintadas à mão, sob o efeito de ondas, luz e tempo. São inúmeros pedaços de pequenos bordados que, juntos, formam enormes superfícies convidativas que provocam no espectador o desejo de entrar ou, ao menos, de estar próximo observando.

A natureza quadrangulada proposta pela artista emite uma tranquilidade perturbadora, na medida em que manipula diversas gradações de uma mesma cor sobre uma mesma superfície. A artista, exímia pintora e grande colorista, trabalha, por um lado, a própria pintura, e, por outro, a imagem que o espectador procura ver. Não se sabe se o efeito caleidoscópico é fruto de uma deficiência visual, uma vertigem ou mesmo uma alucinação, ou se a natureza não é tão perfeita como lhe concebemos.

CHARLES COSAC



TAMOIOS (DETALHE), 2018 ÓLEO SOBRE TELA 163 X 190 CM COLEÇÃO FAMÍLIA BETTIOL

ENXERGANDO ATRAVÉS

A forma como a imagem vem para o plano da tela e se espelha sobre a superfície é apresentada por Sandra Mazzini, que compartilha com o observador os caminhos percorridos desde a ideia inicial até o resultado final. Desta maneira, a soma das imagens e do processo que as criou parece ser o assunto principal de interesse nessas pinturas. O recorte, a escala, a gradação delicada de cores, a estrutura são os elementos com os quais a artista elabora as possibilidades poéticas de uma representação comentada. Trata-se de uma realidade em via de transmutação, como se a artista propusesse uma visão poderosa, alterando o real para em seguida rerepresentá-lo repleto de nuances particulares e vibrações improváveis.

LEDA CATUNDA



SEM TÍTULO (DETALHE), 2016 ÓLEO SOBRE TELA 150 X 180 CM COLEÇÃO CLARICE MESTER

Depois do fim da fotografia química, depois da arte moderna, agora com a digitalização dos processos de captação das imagens, existe um lugar, novamente, para uma pintura que representa o que se vê, mas, mais do que isso, representa uma visão ampliada, uma super visão, que utiliza ferramentas digitais e computacionais para poder ver mais e melhor. Nesse contexto está a pintura de Sandra Mazzini, as imagens que são utilizadas, são processadas e reprocessadas digitalmente, são retrabalhadas manualmente de modo a exigir um olhar ativo, um olhar construído obrigando o observador a produzir e reconstruir as imagens propostas nas telas.

[...] Olhar essas pinturas é um exercício de busca de estrutura da imagem, como se fosse possível olhar através delas, como se os olhos pudessem enxergar além. As pinturas de Sandra ativam a visão, fazem o observador se aproximar da tela, ver as bordas e depois se afastar novamente na tentativa de ver mais longe. Suas pinturas são analíticas, pensam a própria pintura, a imagem e o olhar, são auto referentes, remetem à história da arte e se colocam diante dela, são fruto de uma artista perplexa diante do mundo.

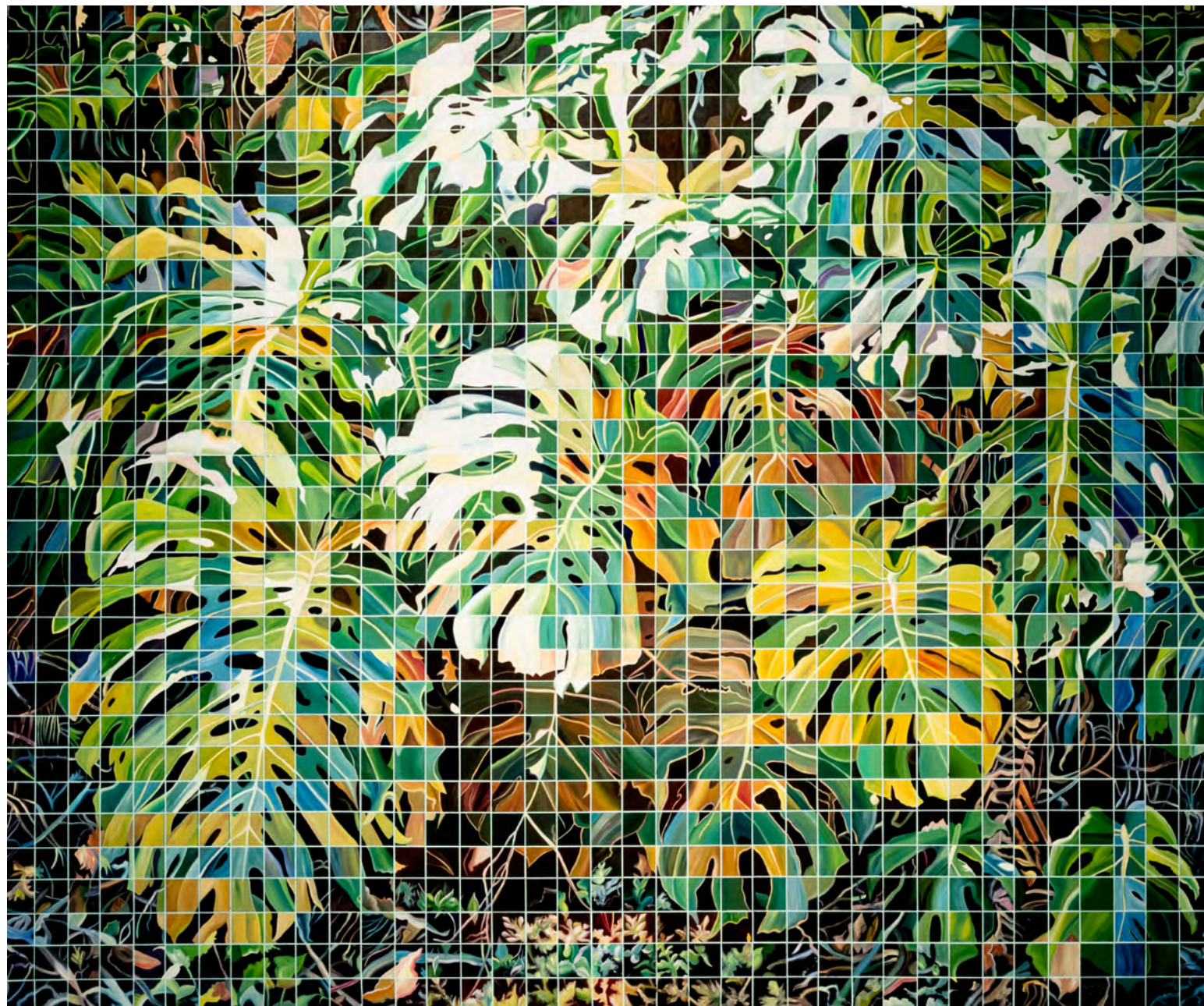
SÉRGIO ROMAGNOLO

SEM TÍTULO, 2016
ÓLEO SOBRE TELA
60 X 50 CM
COLEÇÃO PARTICULAR



SEM TÍTULO, 2016
ACRÍLICA E ÓLEO SOBRE TELA
100 X 80 CM
COLEÇÃO PARTICULAR

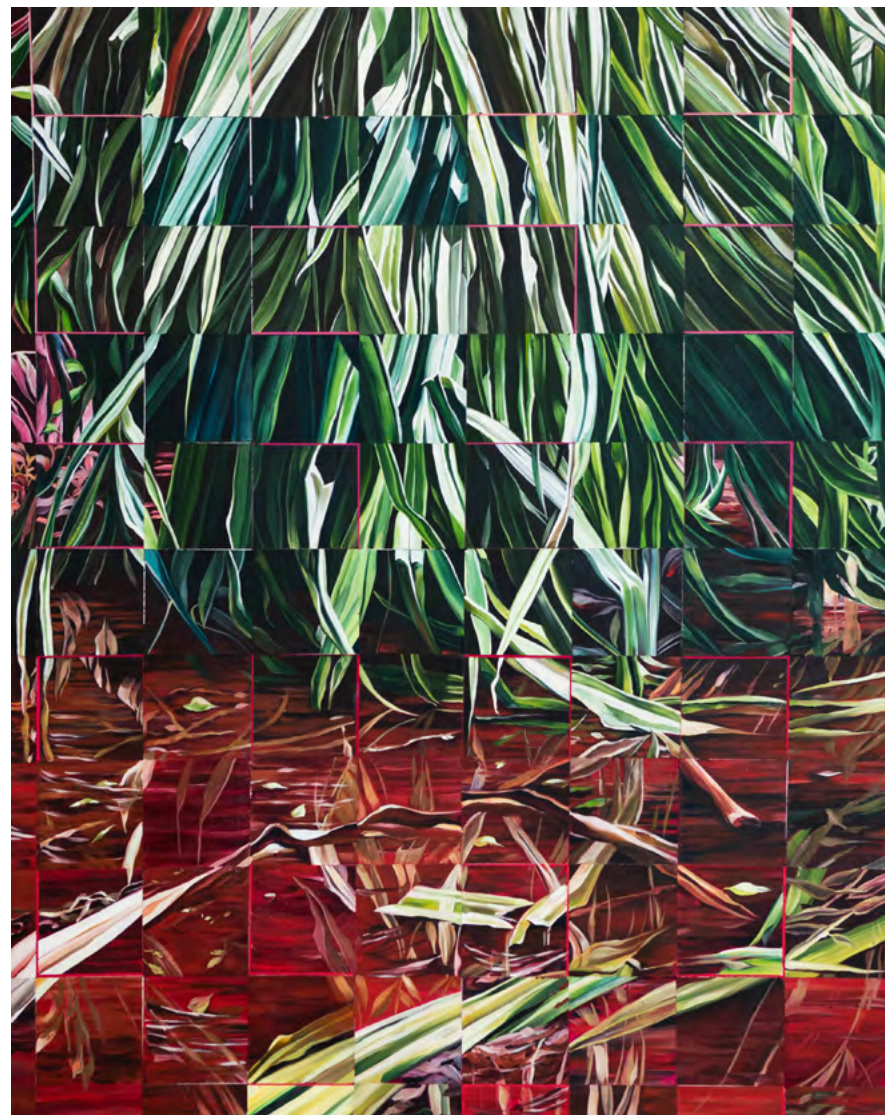




SEM TÍTULO, 2016
ÓLEO SOBRE TELA
150 X 180 CM
COLEÇÃO CLARICE MESTER



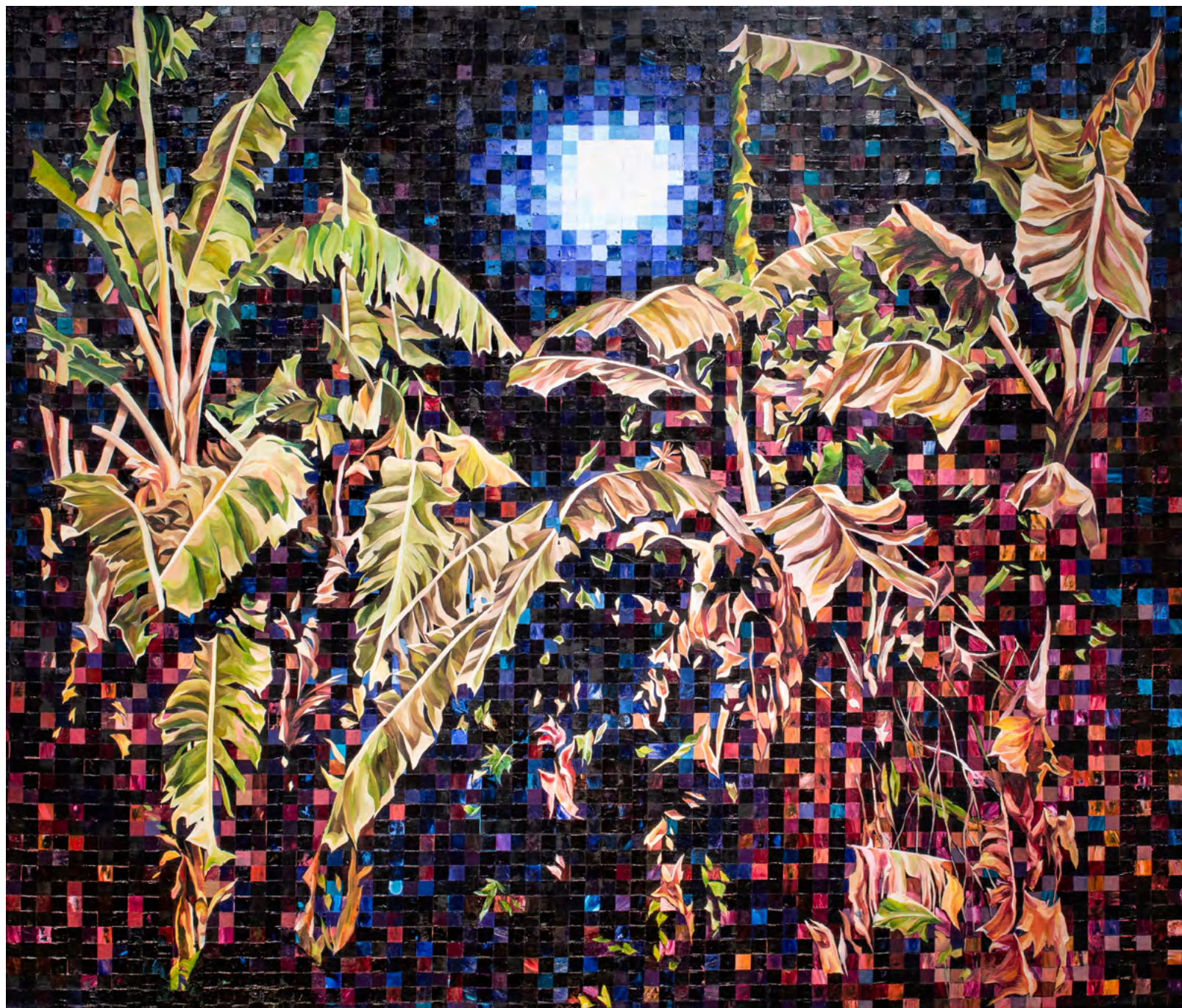
MANGUEIRAS E BARRANCO EM IBIÚNA, 2017
ÓLEO SOBRE TELA
180 X 200 CM
COLEÇÃO ANTÔNIO COELHO



RIO VERMELHO I E II (DÍPTICO), 2018
 ÓLEO SOBRE TELA
 100 X 80 CM
 COLEÇÃO JANAINA TORRES

SEM TÍTULO, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
90 X 80 CM
COLEÇÃO MARCIO SALOMÃO



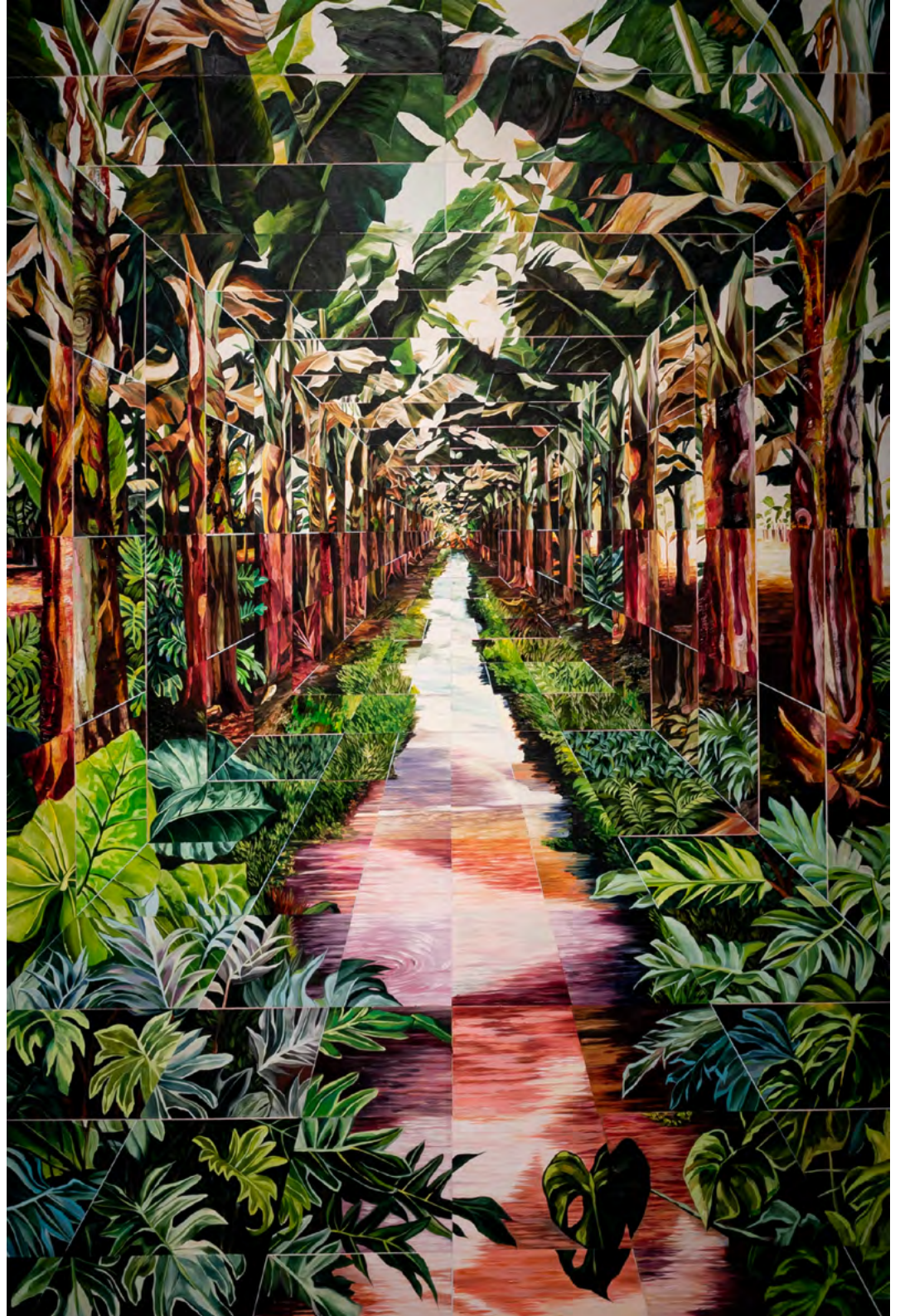


TAMOIOS, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
163 X 190 CM
COLEÇÃO FAMÍLIA BETTIOL

SEM TÍTULO, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
150 X 120 CM
COLEÇÃO FADEL



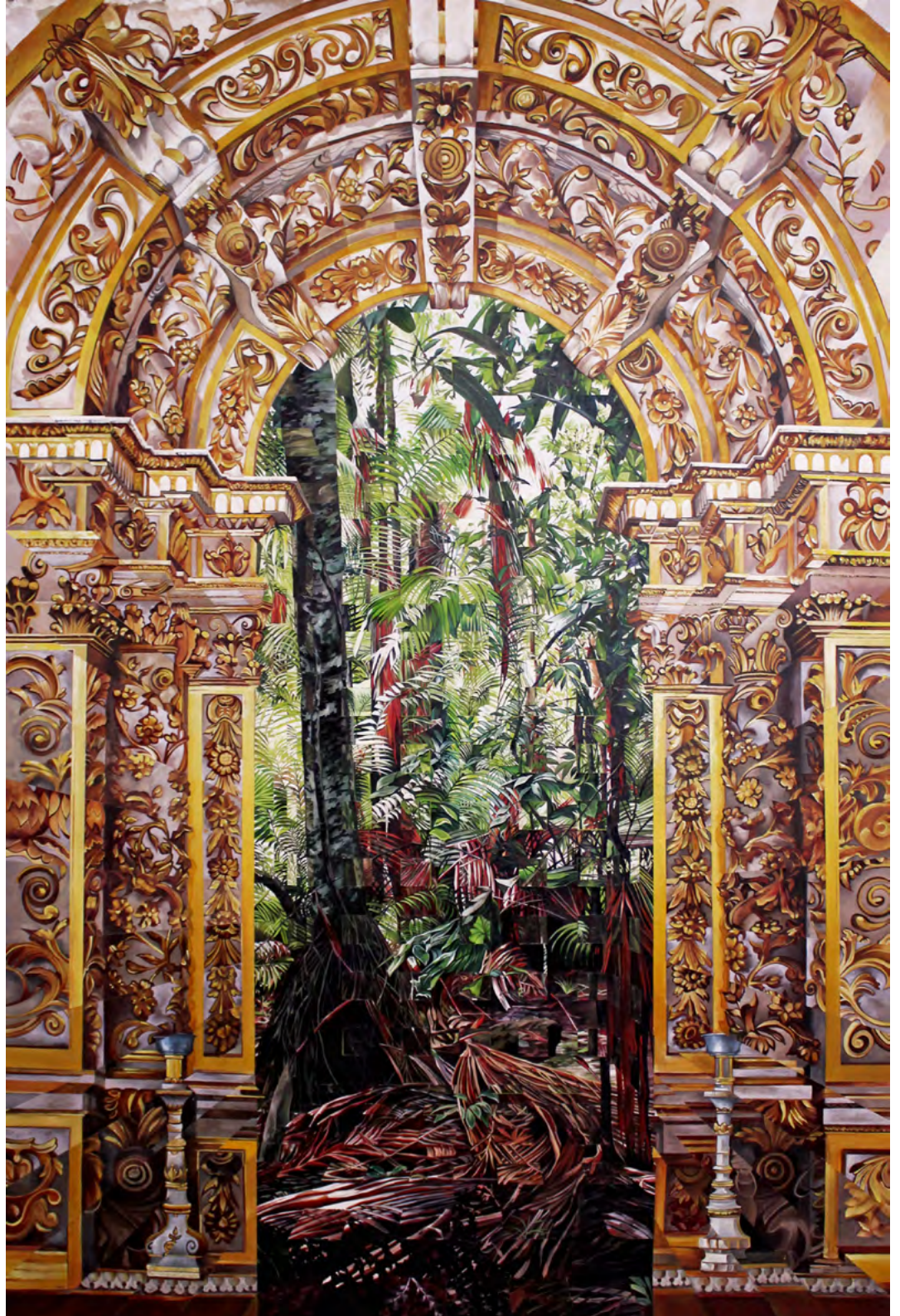
SEM TÍTULO, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
190 X 127 CM
COLEÇÃO SOFIA E SERGIO FADEL



FLORESTA CRESCENTE, 2019
ÓLEO SOBRE TELA
173 X 190 CM
COLEÇÃO GUSTAVO VISEU



TERRITÓRIO DE ILUSÕES, 2019
ÓLEO SOBRE TELA
195 X 130 CM
COLEÇÃO MARCIO SALOMÃO



PÔR DO SOL, 2020
ÓLEO SOBRE TELA
185 X 125 CM
COLEÇÃO SZANTO OLIVA



SEM TÍTULO, 2021
ÓLEO SOBRE TELA
110 X 110 CM
COLEÇÃO MARIANO FERRAZ



PINTURINHA, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
25 X 25 CM
COLEÇÃO JANAINA TORRES



SEM TÍTULO, 2018
ÓLEO SOBRE TELA
30 X 30 CM
COLEÇÃO PARTICULAR



LAGO, 2019
ÓLEO SOBRE TELA
20 X 20 CM
COLEÇÃO PARTICULAR



SUSPENSÃO, 2019
ÓLEO SOBRE TELA
20 X 20 CM
COLEÇÃO MICHELE UCHOAS



Esta montagem foi feita pensando em explorar ao máximo as possibilidades de um espaço específico. Reuni trechos e detalhes de cerca de vinte pinturas em um único local imaginado: salas, corredores, espaços com janelas que dão para pátios abertos, onde partes das pinturas se encontram. Embora seja um trabalho digital quis ainda manter, o mais que pude, características de uma construção manual. Os quadrinhos que revestem esses espaços tiveram, em sua maioria, as cores tratadas individualmente para evitar um aspecto de construção automática. O rascunho de uma imagem digital está presente em uma parte do meu processo; no computador geralmente exploro as infinitas possibilidades de construção e composição desses espaços imaginários antes de serem

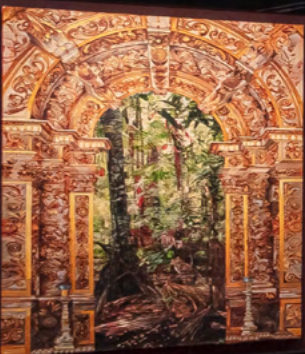
desenhados na tela. O *grid*, que é parte estrutural do meu trabalho, pode ser notado ao aparecer encontrado e desconstruído em todos os trechos e em recortes de pinturas usados, além de estar nas paredes, teto e chão desse lugar imaginário. Lá fora imaginei que o Sol estaria nascendo, refletido na primeira parede; podemos ver a luz atravessando as paredes translúcidas. Na segunda parede, um corredor infinito onde, através das janelas, podemos observar trechos da paisagem externa, um pouco do céu e de uma paisagem aberta. Na terceira parede, a mais escura e fria, onde ainda está um pouco escuro, podemos ver resquício de tons noturnos.

SANDRA MAZZINI

ACIMA E NAS PÁGINAS 27 E 28: *SITE SPECIFIC*, 2022







ENTRADA DE LA CATEDRAL, 1565
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ



LA SELVA, 1965
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ



LA NOCHE, 1965
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ



LA SELVA, 1965
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ



LA SELVA, 1965
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ



LA SELVA, 1965
FOTOGRAFÍA DE JUAN DE LA CRUZ





UNTITLED (DETAIL), 2021 OIL ON CANVAS 110 X 110 CM MARIANO FERRAZ COLLECTION

Presenting the *Vertigo* exhibition that comprises the works of the young painter Sandra Mazzini, with Denise Mattar as curator, is a source of pride for the Farol Santander. Firstly, for housing the artistic creation and the curatorial eye of two talented women. And, secondly, for the power of the painting seen through seventeen works of art and a composition created for this space with imaginary forests filled with details that surprise and enchant us at first glance.

To offer the visitor of the Farol Santander understanding and visual pleasure and to be immersed, through art, in worlds that are so different and, at times, distant from our big metropolis reinforces our role as an institution that is concerned and active regarding social, cultural and sustainable issues.

Have a great visit!

PATRICIA AUDI

VICE-PRESIDENT OF
INSTITUTIONAL RELATIONS
AND SUSTAINABILITY



SANDRA MAZZINI

VERTIGO

Sandra Mazzini is a young artist whose works are carried out patiently and carefully, like those of the old masters. Constantly challenged, she integrates techniques from the past and from the present which she causes to coexist in instigating harmony. Her rigorous and pulsating works blur all the limits between painting, photography, and drawing, cloaking them in indisputable contemporaneity. With an attentive eye, she manipulates paintbrushes and digital tools; fragments images and unites them again; builds and rebuilds; processes and reprocesses; creating a myriad of small representations that are reflected in each other in an optic game. The result of this is a kaleidoscopic image and to maintain a vibrating image that is transformed into an experience — an invitation to contemplation and vertigo.

The concept of vertigo always attracted the attention of writers and philosophers. Mila Kundera defines it as “the emptiness that opens below us, that tempts and lures us, and creates in us a desire to fall; against which, terrified, we defend ourselves”. Walter Benjamin associates it with the kaleidoscope, which, according to him, “allows us to see the double regime of the image, the polyrhythm of time, and the dialectic fecundity”. Whereas Roger Caillois classifies vertigo as a kind of game: “an attempt to destroy the stability of perception for an instant and to inflict upon lucid perception a kind of voluptuous panic. Achieving a kind of amazement or dizziness that destroys reality with sovereign abruptness”.

The artist's work moves among these possibilities, attracting us through the depth which it opens before us, exposing the polyrhythm of time, and is a game: as a strategy of work and as a final result. During its construction process, Mazzini refines images and creates quadrangular fractions that are linked one to the other, in a process of deconstructing reality, which, however, continues to be there, perceptible but fleeting. It is an intermittent narrative, which brings each fragment closer and then draws it away, as though seen through a telescope and offering the spectator an unstable order.

The *Vertigo* exhibition proposes a plunge into this instability, by presenting a set of 17 of the artist's works, which is complemented by a projection and a site-specific created especially for the show.

In this selection we find works ranging from 2016 to 2021, which have all been produced with delicate but vigorous structures that challenge perception, since in them the coloring of a sunset may be alongside a clear early morning tint; the sky may be air but also the sea; and the architecture may be the landscape. In the artist's words: "They are pieces of temperature and temperament, just like a jigsaw puzzle". This set allows one to follow both the transformations in her constructive process as well as the thematic variations of her research, evidencing the coherence that permeates her oeuvre.

In three of her works, dating from 2016, the artist presents, in an unconventional manner, one of her recurrent images: the greenery of a plant known locally as Adam's Rib (*Monstera deliciosa*). In the oldest of these, 60 x 50 cm, the plant is painted in its entirety and, though cut by a grid of fine red lines; it still does not show

variations in volume between the fragments, or any interruption in continuity. In another painting of this series, now 100 x 80 cm, Sandra Mazzini blends pace and time. Thus, in the lower part of the painting, the greenery is fragile, and broken, with red spots, that are marks that represent the end of the plant's life cycle, and, in the upper part some new foliage emerges in tones of light blue and green with a wave-like movement, which advances to the front of the canvas. Next, she maximizes these actions and, in a painting that is 150 x 180 cm, she covers the entire image with a grid, upon which each fragment is not only a moment in the plant's cycle but also a sequence of hypotheses regarding the passing of time, with different instances of light upon the greenery. Throughout the day, throughout a season, or, who knows? throughout a lifetime...

Mangueiras e Barranco em Ibiúna, 2017, is a more personal and familiar account by the artist. Her grandparents, who were farmers, lived in that city. To accelerate the ripening of the fruit and to protect them from birds and insects, they placed them in small paper bags, a long process that resulted in curious-looking trees, especially the mango trees, whose fruits hang from branches suspended on long cords. The earth in that region is very red and, most likely as a legacy from another era, one could find on its slopes camouflaged horseshoes. Sandra and her sister would search for them and place them in piles, as can be seen on the canvas. The painting brings together all these elements shown by the artist by creating a multifaceted sky with different shades of pink, and this accentuates the magical quality of her childhood memories.

Her paintings, *Rio Vermelho I* and *Rio Vermelho II*, from 2018, form a diptych that juxtaposes realities, textures and colors, and were created by Mazzini based on a poem by Cora Coralina with the same name:

<i>Água — pedra.</i>	Water — stone.
<i>Eternidades irmanadas.</i>	Eternally related.
<i>Tumulto — torrente.</i>	Tumult — torrent.
<i>Estática — silenciosa.</i>	Static — silent.
[...] [...]	
<i>Duas perenidades — sobreviventes no tempo.</i>	Two perennities — survivors in time.
<i>Lado a lado — conviventes, diferentes, juntas, separadas.</i>	Side by side — convivial, different, together, separate.
<i>Coniventes.</i>	Conspiring.

In 2018, in a study that refers to the *Rio Vermelho* series, the artist lingers over the remains of a plantation after rains or flooding. Here we find a layering of leaves, roots, and branches, which, although registering the violence of the inclement weather, maintains each of the elements carefully separate and organized through a grid of very fine red lines. A restraint that accentuates the concentric circles of water formed by drops that are still dripping after the storm has passed.

Again using the strong vigorous foliage of the banana trees and their long fringes, Sandra leads us to a new grasp of the landscape, now illuminated by a point of artificial light — the headlights of a

car. Its title — *Tamoios* — refers to the highway and to the sensation of interrupted light, brightness, and movement: the multifaceted images that parade before us during a trip made at night.

Still in 2018, the artist begins to construct the idea of an infinite path, a pictorial resource that was to become part of her repertoire. This strategy can be seen in two of her works from this period; in one of these (untitled, 150 x 120 cm) there is an allusion to an enchanted tunnel, skirted by interwoven flowers and leaves, a meeting between land and water. In the other (untitled, 190 x 127 cm), more than a suggestion, we have an invitation, and more than a tunnel, we see a portal. Working with the almost real size of the elements in the forefront, Sandra begins to reduce the size of the elements which, attached to a grid of perspective, create an illusion of the infinite, offering an immersion — a vertigo that is frightening and seductive.

Floresta Crescente, 2019, is a painting with sensual features that alludes to the exuberance of the Atlantic Forest, and the superimposition of layers: from its profuse undergrowth to the huge trees that seem to cover the sky. To accentuate this characteristic of the forest, the artist works with an ascending and converging grid, like those of gothic cathedrals.

Território de Ilusões, 2019, establishes an instigating relationship between the forest and the baroque. Architectonic elements sporadically appear in Sandra Mazzini's work, which is almost always connected to the sky and the sun and the observation of the deflections of light that incur upon them. Here, however, the

artist examines the similarities between two disparate subjects, recognizing in them the same absence of empty spaces, the excess of details and elements that are captivantly superimposed. She then recreates the scrolls, the spiraled columns, the golden flowers, and fruits of an altar upon which there are no statues as it has been transformed into a portal leading to another dimension, in which there is an equally copious, abundant, and lavish forest that is almost inaccessible as it has been closed off by leaves that have fallen and accumulated.

In *Pôr do Sol*, 2019, Sandra Mazzini establishes another type of action, seeking the invisible relationships that permeate the landscape: a leveled atmosphere, the movement of air, and the inconstancy of light. Replicated, the clouds and waves merge, blend and bid farewell to a double sun.

An artist who regularly works with large formats, Mazzini periodically challenges herself by painting small works, with unlikely sizes, such as 20 x 20 cm or 30 x 30 cm. In these the artist reproduces, with incredible precision, the procedures of her large paintings, producing micro-landscapes that create the illusion of being much larger than they are.

The most recent work shown in the exhibition, created in 2021, is a return to the plants, greenery, and kaleidoscopic flowers, with forms and colors that blend with time and space as though they were behind a lens or a checkered glass.

The projection that complements the exhibition also contains the same kaleidoscopic features that permeate the artist's work,

showing details of her works in continued development, and making the constructive processes and the movement that pervades the works even more perceptible.

The objective of the site-specific is to offer the visitor a complete immersion into the works of Sandra Mazzini, offering a vertiginous experience that is filled with color, illusion, and sensuality.

As heir to a historical and philosophical process, the art circuit has actively incentivized the production of conceptual works, with no commitment to their visuality. Few artists manage to free themselves from this critical imposition and to dare to create fearlessly. This is the case of Sandra Mazzini, who, with the impacting beauty of her work, blending tradition and technology, offers us a luminous view of contemporary artistic possibilities.

DENISE MATTAR
CURATOR



UNTITLED (DETAIL), 2018 OIL ON CANVAS 150 X 120 CM FADEL COLLECTION

Sandra Mazzini's refractory painting is one of the most amazing set of works by young artists of the 21st century. These are hand painted tapestries, under the effect of waves, light and time. There are countless pieces of small embroideries that, together, form huge inviting surfaces that provoke in the spectator the desire to enter or at least to be close watching.

The quadrangulated nature proposed by the artist emits a tranquility as it manipulates various gradations of a same color on the same surface. The artist, an excellent painter and great colorist, works, on one hand, on the painting itself, and, on the other hand, the image that the viewer seeks to see. It is not known whether the kaleidoscopic effects is the result of a visual impairment, a vertigo or even a hallucination, or if nature is not so perfect as we designed it.

CHARLES COSAC



UNTITLED (DETAIL), 2018 OIL ON CANVAS 90 X 80 CM MARCIO SALOMÃO COLLECTION

SEEING THROUGH

The way in which the image comes to the screen and is mirrored on the surface is presented by Sandra Mazzini, who shares with the observer the paths taken from the initial idea to the final result. In this way, the sum of the images and the process that created them seems to be the main subject or interest in these paintings: the cutout, the scale, the delicate gradation of colors and the structure are the elements with which the artist elaborates the poetic possibilities of a commented representation. It is a reality in the process of transmutation, as if the artist proposed a powerful vision, changing the real and then re-presenting it full of particular nuances and improbable vibrations."

LEDA CATUNDA



UNTITLED (DETAIL), 2018 OIL ON CANVAS 190 X 127 CM SOFIA AND SERGIO FADEL COLLECTION

After the end of chemical photography, after modern art, with the digitalization of images capturing processes, again there is a place for a painting that represents what one sees but, more than this, represents an amplified vision, a super vision, that uses digital and computational tools to see more and better. In this context is Sandra Mazzini's painting. The images she uses are digitally processed and re-processed, and manually worked in a way to provoke an active, constructed view. Then, the observer is obliged to produce and reconstruct the images proposed on the canvas.

[...] Looking at these paintings is an exercise of searching the structure of the image, as if it were possible to see through them, as if the eyes could see beyond. Sandra's paintings activate our vision, driving the viewer to get closer to the canvas, see the edges and then go back, in an attempt to see even farther. Her paintings are analytic and think about the painting itself, the image and regard. They are self-referential, allude to art history while putting itself in front of it. They are fruit of a perplexed artist, facing the world.

SÉRGIO ROMAGNOLO



SITE SPECIFIC, 2022

This assemblage was prepared in order to best explore the possibilities of a specific area. Here, I have brought together excerpts and details of around 20 paintings in a single imaginary place: with rooms, corridors, spaces with windows that overlook open patios where parts of these paintings meet. Although it is a digital process, I still wanted to maintain as many characteristics of a manual construction as I could. The small squares that line these spaces had their colors mostly treated individually so as to avoid the appearance of an automatic construction. The sketch of a digital image is present in a part of my process. On the computer, I generally explore the infinite possibilities for constructing and composing these imaginary spaces before I draw them on the canvas. The grid that is a structural part of my work can be observed as a coming together and moving apart of all the parts and cutouts of the paintings used and also on the walls, ceiling and floor of this imaginary place. I imagined that outside the Sun would be rising and would be reflected on the first wall, where we can see the light penetrating the translucent walls. On the second wall there is an infinite corridor where through the windows we can view stretches of the external scenery, some of the sky and an open landscape. On the third wall, which is the darkest and coldest, and where it is still a little dark, we can see the remaining nocturnal shades.

SANDRA MAZZINI

SANTANDER BRASIL

Presidente
Mario Leão

**Vice-presidente executiva de Relações
Institucionais e Sustentabilidade**
Patricia Audi

**Superintendente executiva de Eventos,
Patrocínios e Cultura**
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

**Coordenador Geral dos Faróis Santander
São Paulo e Porto Alegre e Coleção
Santander Brasil**
Carlos Eugênio Trevi

Analista de Eventos e Exposições
Jonas Villar

Comercialização de Espaços e Eventos
Catiuscia Michelin
R8 Live Marketing

Analista de Comunicação
Tamiris de Melo Nunes

Estagiária
Isabella Bernardo de Souza

Jovem Aprendiz
Ellen Eunice da Silva Santos

Gestão Predial
Barbara Rema
Simone Alves de Paula Fernandes

Caio Guimarães
Guilherme Nunes
Marcia Fukata
Cushman Wakefield

Manutenção Predial e Missão Crítica
Diogo de Moura

Manutenção predial
Adriano Ferreira da Rocha Silva
Celso Primo
Diego de Oliveira dos Santos
Diogo Willians de Oliveira
Edinaldo José da Silva
Edivaldo Alexandre Santos Santana
Ednaldo Santos Nascimento
Evandson Vieira
Felipe Santos de Oliveira
Gabriela Silva Monteiro
Giovanni Romano Pitarello Sanches

Ivan Veloso de Souza
João Paulo
João Khelvin Ferreira Silva
Luis Fernando Rodrigues
Magno de Oliveira Santos
Paulo Rubens Abreu Kaminsky
Renato Marino Dias
Richard Valério de Lima
Conbras Serviços Técnicos de Suporte

Áudio e vídeo
Diego Junior
Ricardo Junior
Empresa OSESP Serviços

Coordenadoras de assistentes culturais
Gisele Turolla Manfio
Joelma Lopes da Silva
Sympla

Assistentes culturais
Ana Flávia Silva Almeida
Anderson da Silva Teixeira
Andreza Pereira de Bastos
Crizelia Vanessa Araujo Cavalcanti
Éttore Thierry de Lima Leite
Fernanda Muniz Damasceno Jorge
Humberto Barbosa dos Santos
Lucas Miguel de Almeida
Lucienne Christine Ribeiro Monteiro
de Barros Mengatti
Maria Eduarda Freitas Lopes
Marlene Maria dos Santos
Sabrina Silva Evangelista
Sympla

Analista de segurança
Renato Ferreira dos Santos

Supervisor de segurança
Edson Costa
Grupo Espartaco

**Bombeiros, vigilantes e
controladores de acesso**
Alexandre Antonio da Silva
Antonio José Nunes da Silva

Alysson Luiz da Silva
Alisson G. Tavares Pina
Antonio Raimundo C. de Jesus
Carlos Alexandre Jesus
Cleyfer Robert Souza Resende
Cristiane de Souza Nascimento
Daniela Brito Ferreira
Danilo Pereira Belo
David Jonathan de C. Cruz
Denis Franciscus Alves Silva
Douglas Lopes da Silva
Edson Andre da Silva
Eduardo Santos Marzola
Emiliano da Silva
Fabiana X. dos S. Nascimento
Fabio Junio Borges Almeida
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Helio Gonçalves da Silva
Iranilson Candido Silva
Jafet Matias V. Ferreira
Jean Paulo Martins Santos
Jhonny Correia dos Santos
Josenil Sandes Santos
Leandro Bueno
Lilian dos Santos Brito
Lucas Guzzo Pereira
Luiz Felipe Correia de Freitas
Maria Ap. Pimentel Santana
Nádia Aleixo de Souza
Natan Pita dos Santos
Paloma Cristina do N. Silva
Patricia Rossi Bronze
Reinan Setubal dos Reis
Sebastião Arodo de Lima
Sebastião Rabelo da Silva
Sergio Carrara
Thaise Cristina Valadão
Thiago Pereira dos Santos
Tiago Oliveira de Souza
Victor Hugo Lima de Souza
Victor Landim de Souza
Vinicius Nascimento Muniz
Willian Caetano de Oliveira
Grupo Espartaco

Recepção

Beatriz Carvalho de Brito
Paula Pricila Raimundo da Costa
Empresa OSESP Serviços

Coordenação de limpeza predial

Fernanda Oliveira
Jorge Matos
Patricia Manuela
Grupo GPS

Limpeza predial

Amarildo Assunção
Ana Maria
Ana Paula Silva
Bruno Santos
Domingos Gomes
Elaine Cristina de Almeida
Elaine Santos Gonçalves
Gessiane Moreira
Gilvan Augustinho
Joana Darc
Kelly Cristina
Kelly Alves de Souza
Luciene Serafim
Maria Eliane
Maria Gloria
Nancy Mara Augusto de Souza
Phelipe Olidio
Silvana de Moraes
Taislane Cristina Paixão Conceição
Valdenice Costa
Wanei Alves
Wesley Serafim
Grupo GPS

SANDRA MAZZINI — VERTIGO

EXPOSIÇÃO

Coordenação
MG Produções Culturais

Curadoria
Denise Mattar

Design de Montagem
Guilherme Isnard
Marcio Gobbi

Iluminação
Facto Arte

Produção Executiva
Izabel Ferreira

Design Gráfico
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Assistente de curadoria
Felipe Barros de Brito

Assistente de produção
João Waitz

Museologia
Ana Frade – Brasília, DF
Angélica Pimenta – Rio de Janeiro, RJ
Mariane Tomi Sato – São Paulo, SP

Revisão textos
Rosalina Gouveia

Tradução textos
Monica Mills

Sinalização
André Szanto
Tomás Szanto
Sign Vision

Montadores
Ricardo Soares da Silva e equipe

Pintura
Charles FP Simões e equipe

Educativo
Horizonte Ideal

Cenotécnica
Artos Ltda

Seguro
Affinitè Consultoria e Corretagem de Seguros
Liberty Seguros S/A

Transportadora
ArtQuality

CATÁLOGO

Organização
Marcio Gobbi

Texto
Denise Mattar

Extratos
Charles Cosac
Leda Catunda
Sérgio Romagnolo

Design Gráfico
Paulo Humberto L. de Almeida
Ludovico Desenho Gráfico

Fotos
Filipe Berndt

Revisão textos
Rosalina Gouveia

Tradução textos
Monica Mills

VÍDEO

Concepção
Guilherme Isnard

Edição
Adriana Pedrosa

VÍDEO DE DIVULGAÇÃO

Concepção
Lucas Cavalcanti
Mylena Simões

Produção
Sonia Ferreira

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Janaina Torres Galeria

AGRADECIMENTOS

Angela Magdalena
Antonio Almeida
Antônio Coelho
Cadu Gonçalves
Charles Cosac
Clarice Mester
Fernanda Barsalobra
Guilherme Oliva e Monica Szanto
Gustavo Viseu
Janaina Torres
Julia Szafir Bochner
Juliana Asmir
Leda Catunda
Luciano e Vanessa Lobão
Marcia Fadel
Márcio Lobão
Marcio Salomão
Maria Lúcia Veríssimo
Mariano Ferraz
Marta Fadel
Maurício Carvalho
Michele Uchoas de Paula
Nadija Santos
Renato Bettiol
Sérgio Romagnolo
Thais Guabiraba
Tiago Araujo

PATROCÍNIO



PRODUÇÃO





FUROL
— SANTANDER —
SÃO PAULO